

O ALIENISTA - PELAS LENTES DE GILBERTO FREYRE E OLIVEIRA VIANNA

Kathrin H. Rosenfield *

RESUMO: Em *O Alienista* Machado de Assis remete ironicamente às reformas que ocorrerem entre 1845 e a década de 1880 (o reconhecimento da Bill Aberdeen, a lei de 1871 que libertava recém-nascidos da escravidão - Lei do Ventre Livre) e a Confederação Abolicionista (1883). Entretanto, para leitor pouco afinado com as particularidades da sociedade brasileira do século 19 e com o progresso social no Segundo Império, não é fácil compreender as sutilezas das guinadas da ironia machadiana, nem o que representaria Simão Bacamarte no contexto social da época. No presente estudo, objetiva-se rastrear a camuflada crítica social e política que se esconde atrás do enredo aparentemente simplório do referido romance.

PALAVRAS-CHAVE: *O Alienista*; Ironia; Segundo Império.

ABSTRACT: In *O Alienista*, Machado de Assis refers ironically to the reforms occurred between 1845 and the 1880 decade (the recognition of Bill Aberdeen, the 1871 law which freed children born of slave parents- Law of Free Birth, Portuguese, Lei do Ventre Livre) and the Abolitionist Confederation (1883). However, to the reader with little knowledge of the particularities of the Brazilian society from the 19th century and of the social progress in the Second Empire, it is not easy to comprehend the subtleties of the lurches of Machado's ironies, nor what Simão Bacamarte would represent in the social context at that time. The present paper aims to trace the camouflaged social and political critics that hides behind the plot apparently simple of the mentioned novel.

KEYWORDS: *O Alienista*; Irony; Second Empire.

A esplêndida crítica social das décadas de 1970 e 80 lançou muita luz sobre as estruturas secretas da arte de Machado. As narrativas do Bruxo do Cosme Velho e também o suposto 'regionalismo' de J.G. Rosa foram assim colocados no devido contexto político, social e mental desenhando os horizontes de suas múltiplas significações. Esta crítica tem o mérito de ter iluminado as distorções imaginárias e concretas resultantes do sistema do 'favor' e do 'privilégio' patriarcais, seus laços paralisantes em muitos sentidos. Partindo desse nível de leitura, alargamos nosso foco para alguns pontos cegos da crítica, incorporando os *insights* de ensaístas como Gilberto Freyre e Oliveira Vianna, cuja visão do Brasil cordial é particularmente iluminador para o universo imaginário de *O Alienista*.

Assim, quando li [Freyre] pela primeira vez, não só não sentia o

* Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisadora do CNPq.

entusiasmo a que Candido se refere, como não conseguia sequer entender a admiração que cercara o primeiro Gilberto Freyre. Dentro da ilusão própria dos jovens, era-se levado a crer que o país tanto mudara que o mito construído em torno de *Casa-Grande* por si se desfizera. ... pobre de mim, que tanto me iludia.” Em outras palavras, a principal barreira contra Freyre era ideológica, uma desconfiança induzida por razões políticas, que via em Freyre apenas “um proponente da ‘lusotropicologia’” [que] nos parecia de um oportunismo descarado, cujas vantagens eram asseguradas pelo Portugal salazarista. Aparecia-nos pois como o representante de um Brasil de conchavos que sempre terminavam por mantê-lo atrasado. (COSTA LIMA, 1994, p. 34).

A observação de Costa Lima sugere um deslocamento das perspectivas consagradas da crítica literária das últimas décadas. Em um ensaio sobre a influência de Gilberto Freyre na obra de J.G. Rosa aproveitarei esse novo ângulo, que obriga a superar as reticências excessivas da crítica literária com relação a certos ensaístas da década de 1930.¹ Uma revisão análoga pode funcionar, num segundo momento, como convite para também a obra de Machado de Assis, com textos negligenciados (ou ideologicamente banidos) – como *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, ou *Instituições Políticas Brasileiras*, de Oliveira Vianna. O presente ensaio é o resultado desta mudança de perspectiva iluminada.

Um breve levantamento do contexto histórico de *O Alienista* (1882)

Não é de todo fácil compreender as sutilezas das guinadas da ironia machadiana para um leitor pouco afinado com as particularidades da sociedade brasileira do século 19 e com o progresso social no Segundo Império de Dom Pedro II. Até mesmo os especialistas têm dificuldade em situar o que exatamente representa Simão Bacamarte. O personagem é vagamente apresentado como um favorito do Rei de Portugal, o que o tornaria figura do período colonial do século 18. Ao mesmo tempo, entretanto, há outras características que o tornam uma personagem típica do Segundo Império e as temporalidades confusas são, provavelmente, deliberadas, atenuando os sarcasmos que Machado lança contra seus contemporâneos.

Uma breve síntese histórica² pode auxiliar na compreensão dessa técnica de camuflar os endereços precisos dos males que Machado ironiza. Nos séculos 16 e 17, os colonizadores portugueses estavam estabelecidos em vastas propriedades rurais, dominadas por soberanos quase feudais. A

¹ Cf. K. H. Rosenfield, *Desenveredando Rosa*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1996, cap. VI.

² Além de G. Freyre e O. Vianna, referimos, também a Lília Moritz Schwartz, *As Barbas do Imperador*, São Paulo, Companhia das Letras; José Muril de Carvalho, *D. Pedro II*, São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

Coroa Portuguesa tinha grandes dificuldades para controlar suas regras autocráticas e coletar os impostos. Durante este período, a Casa Grande fortificada era o centro das decisões econômicas, sociais e políticas, provendo, simultaneamente, a escola e o tribunal, a igreja e o hospital – e o asilo. As tendências ‘democráticas’ destes oligarcas e patriarcas tratavam principalmente de sua dominação sobre estas quase-autarquias.

Protestos contra a cobrança de impostos abusivos levaram a revoltas ocasionais, como as que ocorreram em Vila Rica em 1722 e no último quartel do século 18. Por trás das aparentes questões sociais aparecem frequentemente os interesses dos patriarcas aristocráticos, os tradicionais proprietários de sesmarias, que se escondiam atrás da figura de um demagogo popular (por exemplo, Felipe dos Santos – traído quando o conflito tornou-se mais sério).

Durante o século 18, comerciantes plebeus com talento empresarial iniciaram uma competição com a velha aristocracia e disputaram o poder exclusivo das famílias privilegiadas sobre as Assembléias e Senados. Desprezados pela velha aristocracia, os mercadores imitaram seu estilo de vida nos elaborados sobrados da sociedade moderna, urbana³. A chegada da Corte Portuguesa durante as Guerras Napoleônicas e o Primeiro e Segundo Impérios (Dom Pedro I e II,) trouxeram os primeiros esforços de centralização e organização da nação-estado. Estas reformas puseram fim à soberania patriarcal irrestrita. A descoberta do ouro deslocou a riqueza econômica da agricultura (açúcar) para a mineração. Um novo e violento sistema de coleta de impostos com frequência esmagou a riqueza agrária. Pouco a pouco, o prestígio patriarcal diminuiu, assolado pelas pesadas hipotecas um comércio de escravos proibido (mas tolerado) e, portanto, extremamente dispendioso.

O romance machadiano *O Alienista* tira seus efeitos irônicos destas reformas que ocorrerem entre 1845 e a década de 1880 (o reconhecimento da Bill Aberdeen, a lei de 1871 que libertava recém-nascidos da escravidão - Lei do Ventre Livre) e a Confederação Abolicionista (1883). Durante este período os chamados Liberais (majoritariamente os grandes senhores de terra defendendo seus privilégios ‘democráticos’) lutavam contra os esforços imperiais pela abolição, sabotando reformas econômicas e políticas. Dom Pedro II, o educador emblemático da Nação unificada, lançou mão da estratégia de atrair os filhos, sobrinhos e agregados dos patriarcas aristocráticos, criando laços estreitos entre as funções do governo e a

³ Cf. G. Freyre, *Sobrados e Mucambos*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1961, vol. I, chap. I; O. Vianna, *Instituições Políticas Brasileiras*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1955, analisa a fatal, tradição clânica da representação política frouxa, devida à apropriação privada do poder público: assembléias das cidades fundadas por proprietários de terra que elegiam seus arrendatários e parentes sob a pressão de jagunços e capangas. Plebeus concorrentes mantiveram a mesma luta de poder agindo como líderes populares auto-indicados. Bacamarte e Porfírio, na história de Machado, podem ser vistos como figuras das respectivas classes sociais.

educação dos bacharéis. Alguns deles se tornaram figuras proeminentes e aliados fiéis dos esforços bem intencionados do Imperador. Joaquim Nabuco é um bom exemplo e podemos pensar que Machado modula, na sua sátira, figuras de menos destaque e brilho, embora igualmente ansiosos de servir na grande reforma do Imperador. Perseguiremos essa hipótese para compreender melhor a figura quixotesca de Simão Bacamarte. Pois é um fato que impressiona na leitura de O. Vianna e G. Freyre que as melhores intenções individuais sucumbiram à força do hábito de um sistema criado pela tradição dos clãs (feudais e parentais, de vizinhança e políticos). Devido a esta inércia, um grande número destes bacharéis reproduziu os hábitos tradicionais de favor ao ocupar a Câmara e o Senado, a Guarda Nacional e os outros postos administrativos. Como legisladores e juizes, eles mostraram muita relutância contra a abolição definitiva da escravidão, base econômica de seus pais e parentes. Elucidado, o *chassée croisée* dos interesses conflitivos e contraditórios permite compreender por que uma discussão pública e real sobre liberdade e emancipação, igualdade e responsabilidade foi adiada por quase 40 anos (O Abolicionismo, de Joaquim Nabuco, 1883).

Durante todo o século 19, revoltas populares assumiram perfis diversos, mas continuaram a ser o palco da demagogia. As circunstâncias mais contingentes podiam provocar o caos revolucionário protagonizado por efêmeros demagogos. Inovações na saúde ou a introdução de um novo sistema de pesos levaram a revoltas sangrentas. Os nomes e apresentações de revoltas em *O Alienista* têm a marca deste período de revoltas intermináveis (por exemplo, o Quebra-Quilo)⁴.

I. Bacamarte: vilão ou Dom Quixote? O problema das ironias múltiplas

Machado é um autor universalmente apreciado porque oferece ao seu leitor entretenimento prazeroso e aparentemente fácil na superfície, porém complexo e denso para o olhar que penetra mais fundo na artesanaria cheia de erudição e sofisticação. A ironia machadiana é explosiva e contagiosa, mas o jornalista Machado é um especialista em borrar os reais objetivos de seus golpes sarcásticos, confundindo a atenção de seu leitor e tornando praticamente impossível decodificar rapidamente a tessitura de suas intenções críticas. A inteligência barroca e dispersiva de Machado torna difícil a tarefa de interpretar sua verve séria e jocosa. O autor parece estar perfeitamente consciente desta dificuldade e embute nas suas histórias alusões meta-irônicas (criticando, por exemplo, a superficialidade dos seus

⁴ 1835 Revolta Cabanagem – Pará; 1837 Sabinada – Bahia; 1842 Revolução dos liberais – SP e Minas; 1848 Revolução Praieira – Pernambuco; 1835 Revolução Farroupilha – RS; 1874 O Quebra Quilos – movimento sedicioso Pernambuco; Prisão dos bispos de Olinda e Pará.

próprios leitores, seus hábitos de leitura distraída e sua falta de cultura e postura ética).

O Alienista, uma das obras da primeira maturidade de Machado, é um bom exemplo da camuflada crítica social e política que se esconde atrás de um enredo aparentemente simplório. Simão Bacamarte, o alienista, é um psiquiatra imbuído de sua missão científica. Cada vez mais obstinado, ele estabelece um rigoroso sistema de investigação e um centro psiquiátrico na sua cidade interiorana, Itaguaí. Procedendo sistematicamente, ele procura segregar a população louca da sã, curando os doentes graças a um tratamento inovador numa instituição adequada. Em pouquíssimo tempo, o recém-construído asilo, Casa Verde, transborda de pacientes. As internações começam a indignar a população e provocam uma revolta. Uma reconsideração da hipótese inicial leva o valente alienista a compreender que os resultados contradizem a noção de normalidade imposta pelo bom senso. Consequentemente, Bacamarte inverte sua primeira hipótese, liberta os falsos doentes e interna a população tida por sã. Numa façanha terapêutica inusitada, obtém êxito, curando os desvios (éticos) dos poucos cidadãos íntegros de Itaguaí, normalizando os desviantes com a maioria da população. Finalmente homogênea, a cidade retorna à paz. A história termina com um lance inesperado e extravagante de Simão Bacamarte, que descobre ser o único corpo estranho da cidade e se interna a si mesmo na Casa Verde, morrendo logo em seguida.

Na superfície, encontramos uma sátira leve, que trata da confusão e da reversibilidade dos critérios que distinguem loucura e normalidade. Desde os tempos da anti-psiquiatria dos anos 1960, esse enredo encantou os leitores de Foucault e a crítica marxista, que viu nesta história indícios óbvios dos esquemas de dominação e das tradicionais estruturas do poder caracterizando o Brasil. Bacamarte, escreve A. Bosi, tem

o status de um homem nobre que desfruta do favor monárquico, transformando-se no ditador da pobre Itaguaí. A população da cidade sofre os efeitos de seu terrorismo do prestígio”. Esse abuso do favor afetaria, segundo o crítico, também “as relações entre médico e paciente, psiquiatra e louco, [que] são meros casos particulares [desse sistema de dominação]”. O exercício do poder forneceria, segundo Bosi, o eixo central da história, ao passo que “as idéias fantasiosas do cientista de olho de aço” forneceria tão somente um desdobramento desse eixo central denunciando o abuso do poder. Na leitura de Bosi, o poder estabelecido representa a “autoridade que dobra a língua e a espinha daqueles que circundam Bacamarte. Esta autoridade é exercida em nome de uma atividade considerada neutral, ‘acima do apetite comum’: a ciência e o amor pela verdade que inspiram o psiquiatra. (BOSI, 1999, p. 88).

A crítica de Bosi enfatiza o problema social e político da sociabilidade brasileira, problema muito conhecido desde a análise de Roberto Schwartz. No caso de *O Alienista*, entretanto, esta via de interpretação suprime uma série de detalhes interessantes que fornecem o sabor e a graça irônica deste conto. As características emblemáticas da personagem principal do romance demandam uma leitura mais afinada com os intérpretes detalhistas que se debruçaram sobre os detalhes concretos da vida material e institucional do Brasil. Oliveira Vianna e Gilberto Freyre, por exemplo, fornecem dados concretos que não cabem na visão marxiana. Na perspectiva desses ensaístas brasileiros, os traços mais sutis de Simão Bacamarte rompem também o modelo típico do poder patriarcal à margem do capitalismo (o capitalista, liberal e burguês, etc.). Lendo Machado com as lentes de Vianna e Freyre, veremos Bacamarte como uma réplica quixotesca das figuras emblemáticas do Segundo Império – os eleitos ‘homens de 1.000’, longamente analisados por O. Vianna (1955). Entre 1845 e 1883 Dom Pedro II investiu na educação dos bacharéis. Como já mencionado anteriormente, esses bacharéis, nem sempre brilhantes, ocuparam a Câmara e o Senado, a Guarda Nacional e outros postos administrativos, alguns deles imbuídos de sua missão de reformar o país. Sinceramente engajados, alguns desses personagens destacaram-se com esforços e ideias (embora algumas vezes mal colocadas e quase ridículas) que merecem admiração moral. Bacamarte tem similaridades com estes personagens que mais evocam o filósofo entusiasta e cego de Swift ou Bouvard e Pécuchet de Flaubert, do que um tirano sedento por poder.

Bacamarte é uma caricatura do cientista típico da época. Emula as mais recentes inovações europeias – por exemplo, os hospitais psiquiátricos famosos cujos pavilhões receberam seus nomes de Janet, Pinel, Charcot. Ao mesmo tempo, entretanto, ele tem aquele vago estatuto aristocrático, que distingue os homens ‘escolhidos’ de Dom Pedro II (O. VIANNA, 1955): ele é o bacharel imbuído de sua grande tarefa, sincero e comprometido, embora um tanto obtuso. Mesmo limitado e monomaniaco, são boas suas intenções. Nada justifica a ideia avançada por muitos intérpretes segundo os quais Bacamarte acresce seu poder e sua fortuna graças ao favor monárquico. Ele antes evoca o altruísmo que O. Vianna destaca entre os reformadores fieis ao Imperador. Todos os contrastes elaborados por Machado enfatizam sua integridade, seu patriotismo e rigorosa responsabilidade – qualidades diametralmente opostas à superficialidade emocional dos demagogos (Porfírio, Pina), que lideraram uma população desorientada para um massacre desnecessário⁵.

⁵ Este ‘remanejamento’ é, certamente, uma alusão cruel à falsidade ‘liberal’ e às intrigas ‘democráticas’ caricaturais contra os esforços de centralização de Dom Pedro II. Para compreender a ironia machadiana, é melhor se abster do Marxismo e das projeções Foucaultianas e ler o relato (idealizado) das Instituições Políticas Brasileiras, de Oliveira Vianna – que Machado teria aderido!

O massacre provocado pelo barbeiro é uma perda gratuita em vários sentidos: 1) Porfírio ignora a ciência e as intenções de Simão Bacamarte; 2) o auto-proclamado ‘libertador’ não liberta os internos do asilo, como prometera; 3) a revolução e o derramamento de sangue provocados por Porfírio não levam a nada, a não ser à confirmação do *status quo*: a única ‘mudança’ é uma leve variação no topo da pirâmide: ao invés de uma Assembléia da Cidade, Porfírio propõe uma ‘aliança’ com Simão Bacamarte (que não deseja o poder, mas apenas sua ciência) e com parte dos antigos membros da Assembléia da Cidade.

Além das alusões sarcásticas ao contexto político, social e institucional, há outras ironias envolvendo a figura de Simão Bacamarte. Ele tem o espírito científico e anti-clerical que se espera de um reformador. Essas qualidades o tornam alvo das intrigas jesuíticas de Padre Lope, que combate a ciência com as armas da fé e da cordialidade. Por fim, mas não menos importante, ele é percebido como um corpo estranho na sua própria cidade natal, porque (voltando da Europa) ele tenta ser um homem com interesses públicos radicalmente opostos aos eternos cálculos privados, sentimentos familiares e simpatias clânicas dos brasileiros normais. Todos os outros cidadãos, começando pela esposa de Bacamarte, Dona Evarista, passando pelo agregado Crispim Soares, têm horizontes radicalmente limitados por preocupações domésticas, procurando a todo momento manter os velhos costumes e privilégios corporativos.

O nome emblemático Bacamarte (fuzil antiquado) tem sabor Swiftiano e ironiza a dificuldade que encontram os filhos da casa grande quando se trata de adaptar e tornar frutífero o conhecimento adquirido na Europa nas condições do Brasil profundo. Mas a ironia machadiana não tem o tom amargo que os críticos identificaram, com razão, em outras narrativas. Talvez seja melhor modular o que diz Katia Muricy, quando projeta sobre *O Alienista* as bem-conhecidas “ideias fora do lugar”, Muricy vê Bacamarte como um personagem que usa as ideias européias em detrimento do desenvolvimento do Brasil. Mais do que isto, ela suspeita que Bacamarte conspira pelo poder, promovendo-se graças a uma aliança entre ciência e poder (MURICY, 1988). Talvez caiba atenuar um pouco essa visão conspiratória, notando que Simão Bacamarte lembra as caricaturas correntes de Dom Pedro II naquela mesma época (sempre preso a um livro)⁶; além disto, ele reúne todos os traços dos famosos “Homens de 1.000”, o mais íntimo grupo de reformadores do Imperador, descrito por O. Vianna G. Freyre com um olhar crítico.

Mas, enquanto as universidades europeias produziram graduados brasileiros que conciliaram seu conhecimento teórico com realismo político social, outros exageraram a teoria pura e a doutrina. Eles eram meramente teóricos ou simples amantes da cultura livresca (Brazil, p. 5)

⁶ Cf. as belas reproduções dessas imagens do Imperador amante dos livros no ensaio de Lilia Moritz Schwarcz, loc.cit.

Em vez de ver Bacamarte como alegoria de uma classe – o ‘burguês’ ou o vilão aristocrático – podemos vê-lo como uma figura mais simpática e mais autenticamente brasileira, através da lente das reformas políticas de Dom Pedro. Machado não o representa recebendo favores, mas colocando sua riqueza pessoal à disposição de um novo fim coletivo e científico. Por mais azarado e quixotesco que seja Bacamarte, ele empenha sua própria fortuna para construir a Casa Verde – outro lembrete do esforço imperial para introduzir reformas nos sistemas sanitários e de saúde que colocariam o Brasil atrasado mais perto da civilização europeia. Apesar de toda a ironia, o generoso e infeliz comprometimento patriótico de Bacamarte não deixa de evocar certos personagens e fatos históricos: por exemplo, os sucessos muito mitigados de homens notáveis que Machado admirou⁷ – pensemos em Barão Torres Homem ou Correia de Azevedo, Saldanha Marinho e Oswaldo Cruz ou em Joaquim Nabuco⁸.

Os eleitos ‘homens de 1.000’ fizeram esforços muitas vezes malogrados para provocar mudanças no atrasado regime semi-feudal do Segundo Império. Tentaram reformar moral e economicamente o país, implantar novas instituições, unificar e centralizar o reino fragmentado e individualista. A figura de Bacamarte ironiza o fato que esse tipo de boa vontade pode levar a reformas igualmente individualistas, provocando, em alguns momentos, iniciativas demagógicas e ditatoriais. Mesmo com horizontes mais amplos que os de seus pares, muito deles perderam seu *elán* em atividades honoríficas e contemplativas ou em intrigas, fracassando em seus empreendimentos.

⁷ Recentemente, a análise de John Gledson chamou a atenção para esta ironia mais sutil, revelando o patriotismo de Machado.

⁸ Gilberto Freyre, *Sobrados e Mucambos*, p. 117 et seq. Em um de seus ensaios escritos em inglês (“Brasil...”) Freyre comenta: “Os advogados, graduados, e doutores em medicina que retornavam de Coimbra, Paris, Inglaterra, Alemanha e, mais tarde, aqueles que foram educados no Brasil – Olinda, São Paulo, Bahia, onde o Governo brasileiro estabeleceu escolas de direito e medicina – trouxeram para a vida pública, com o toque de sua juventude, as últimas ideias inglesas e as últimas modas francesas. Eles minaram o prestígio de seus pais e avós e estabeleceram, por contraste, sua superioridade sobre os velhos gentis-homens do país. Este foi feito pelos brancos ou pelos mulatos e novos homens de cor: aristocratas togados. O Imperador Dom Pedro II, um garoto pedante naquela época, atraiu a simpatia e o apoio dos homens jovens que retornavam do exterior com uma educação europeia, ou educados nestas novas escolas no Brasil. Dom Pedro II encantado em presidir, com um ar de superioridade europeia, acima dos gabinetes dos idosos gentis-homens do campo, que conheciam somente latim e português clássico ensinados pelos padres. Alguns destes eram homens de profundo bom senso, mas sem nenhuma experiência europeia. E era principalmente a nova cultura francesa e inglesa ou o aprendizado que dava prestígio”

II O foco da crítica social machadiana

A lógica da hospitalização de Bacamarte (e sua visão de julgamento responsável)

Ao invés de exagerar o foco no abuso de poder, nós podemos ver a mais fina ironia do psiquiatra de Machado, que pode ser obtusa, mas identifica, contudo, certas loucuras socialmente determinadas: a cordialidade, por exemplo, ou os pendores retóricos hiperbólicos que encobrem a deplorável falta de sinceridade e franqueza. Bacamarte é certo na localização dos vícios dos seus vizinhos: o instintivo dom da intriga (Pe. Lopes); a desonestidade e ostentação do novo-rico (alabardeiro); a decadência esbanjadora do aristocrata (Costa); a bajulação oportunista (Crispim Soares); a incompetência administrativa, a ignorância e a oratória vazia (Assembléia da Cidade); e, acima de tudo, a demagogia revolucionária que provoca o caos devido à falta de iniciativa e de responsabilidade cívica da multidão manipulável (Porfírio, Pina e outros trezentos).

Em outras palavras, não é Simão Bacamarte o foco principal sobre o qual recaem os estigmas do abuso do poder. Embora responda à missão heróica do Segundo Império, ele é um Bacamarte, fuzil antiquado e inútil no pântano de Itaguaí. Ele não exerce o poder no topo da pirâmide, porém é o topo, apenas, enquanto observador privilegiado que analisa as loucuras sociais e institucionais, privadas e públicas, que reproduzem suas estruturas viciadas numa espécie de compulsão à auto-colonização. Pois não é somente Bacamarte, mas todos os Itaguaenses que reproduzem, de diversas maneiras, seus velhos vícios corporativos e clínicos. Machado satiriza a versão brasileira da servidão *semi-volontária* (La Boétie): enfatizando os gestos quase cavalheirescos de Simão Bacamarte, que oferece seu braço enquanto guia cortês e gentilmente seus loucos para a Casa Verde! Para ele convergem os gestos submissos dos agregados, as intrigas do eclesiástico (que teme qualquer tipo de inovação econômica ou científica), a desorientação ignorante das instituições da cidade e as ondas emotivas e revoltas dos familiares. Todas as personagens menores da história – Crispim Soares, Dona Evarista, Padre Lopes, etc., – tecem ao redor de Simão Bacamarte engodos e bajulações, cálculos, táticas e intriga. Machado é o primeiro a apontar a gama de gestos ambíguos que constituem a “cordialidade” brasileira que caracteriza o sistema do favor patriarcal⁹ – a instabilidade emocional que oscila abruptamente entre carinho e violência. Silêncio, bajulação e retórica vazia elaborada sorvem qualquer possibilidade de expressão sincera dos sentimentos e pensamentos verdadeiramente francos. Este tipo de duplicidade, que nós conhecemos no contexto cultural – pense em Mme.

⁹ A ambiguidade e instabilidade das emoções (oscilando entre simpatia e violência) no complexo de Cordialidade será o centro de uma investigação sociológica e antropológica na década de 1930. (G. Freyre, S.B. de Holanda)

Merle, de James Joyce –, não está limitado a uma camada social distinta (a Corte, por exemplo). O que aparece em outros romances como a perversão parcial do comportamento moral (intrigas da alta sociedade), cruza no universo machadiano todos os estratos da sociedade, de topo à base: em outras palavras, perversão é normal! Isto ‘vem naturalmente’ em uma sociedade obscurecida pelo ‘complexo de lealdade’ para com o *Senhor da terra* e o ‘complexo do respeito’ para com o *Senhor do engenho*¹⁰. Este respeito instintivo e lealdade automática (que produz cegueira, obediência instintiva na relação dos cidadãos com os vários representantes do poder: arrendatários e capangas, administradores e agregados) enfraquece toda a base da responsabilidade cívica e liberdade.

É o que Simão Bacamarte obtusamente percebe quando retorna para seu país e começa a história. Vindo da Europa (Pádua e Coimbra), ele nota, apesar de todas as falhas, os defeitos socialmente induzidos e loucuras que travam o progresso em Itaguaí: intriga eclesiástica, manipulação e ameaça (referência aos recentes choques entre o Bispo de Olinda e o Estado Imperial – cf. os eventos mais importantes no final deste artigo); a má administração notória da Câmara (sistema de impostos abusivo que não deixa margem para qualquer tipo de investimentos novos); a incompetência do contador para calcular as futuras receitas de um novo imposto criado para manter o asilo, votada sob a influência irresistível de Simão Bacamarte, ele financia, de seu próprio bolso, o vasto e bem equipado Casa Verde. (“Simão Bacamarte arranja tudo”, cap. 1). Em seguida, claro, tendo convencido uma Câmara totalmente incompetente e ignorante a votar pela nova instituição, ele reina sobre Casa Verde e a Câmara de Itaguaí como um soberano autocrático...

A piada não é ele confundir pessoas normais com loucos, mas que suas convicções positivistas e hipóteses o levam a identificar como ‘loucura’ o que deve ter parecido para Machado como **a real loucura brasileira e desperdício**: os vícios irracionais produzidos pelo pântano de relações sociais insinceras: bajulação, grandiloquência, generosidade aristocrática irresponsável (a irresponsabilidade de Costa, no capítulo V, parece ser uma consequência dos sentimentos de culpa pela violência envolvida na pose de escravos e a raiva de seu antepassado, tio Simão¹¹, contra um mendigo),

¹⁰ O. Vianna, I, XII, VII, 326 para o complexo de lealdade e respeito. Vianna descreve as diferentes formas de submissão simbólica e econômica acarretada pela autocracia do latifúndio, onde um líder clânico patriarcal e dono de terra apropria-se do poder público e funções administrativas. A influência e o poder sobre estas instituições basicamente privadas alcançando a Assembléia da Cidade (Câmara) e as instituições de caridade e científicas (como a Casa Verde de Simão Bacamarte, o asilo para loucos) são mantidas por uma massa dependente de agregados, (capangas, cerca-igrejas, caceteiros, capoeiras que tomam conta das funções defensivas, manipulam eleições ou chantageiam os eleitores); cf. 323-333.

¹¹ Veja a pequena lista de jogos com palavras ao final deste ensaio. Há um jogo de palavra envolvendo a história de Costa, o sobrinho de tio Salomão: Salomão, na leitura laica de Ernest Renan do Cântico dos Cânticos, não é uma personagem venerável da Graça divina, mas um patriarca oriental despótico, polígamo e antiético. Deste modo, quando o primo de Costa tenta explicar a ideia aparentemente supersticiosa de que Costa carrega o destino da

enganos e corrupção (jogo de palavra “alabardeiro” significa fabricante de sela e embusteiro), etc.. Aqui novamente, a condensação do jogo com palavra permite outra super-determinação: é quase inexplicável como um fabricante de selins possa enriquecer ao ponto de construir um palácio mobiliado com peças preciosas da Hungria e Holanda. Enriquecer com uma atividade tão pobre e antiga no tempo em que Mauá idealizou a construção da ferrovia transcontinental, só pode significar que fraudar à moda antiga (exploração) é mais lucrativo que inovação econômica e social responsável!

Os dois ‘mais belos casos’ de loucura do psiquiatra, entretanto, aparecem no capítulo IX. Porfírio, tendo derrubado os Dragões da Cidade e tomado a Assembléia, declara que – longe de realizar a tarefa prometida (destruir a Casa Verde) – agora ele está muito orgulhoso de assumir “a responsabilidade do governo herdada da Assembléia da Cidade”. Com solenidade inflada, ele declara sua vocação para “proteger as instituições públicas” e convida Simão Bacamarte para “unir-se com ele, e a população saberá obedecer”. Bacamarte, entretanto, – longe de sonhar com poder – , persegue sua mania científica. Observa com frieza lúcida a ‘loucura’ do demagogo, isto é, a compulsão mimética dos subalternos que reproduzem de modo farsesco os vícios do sistema dos patrões. Então pergunta (negligentemente, do modo como alguém interrogaria um lunático de verdade, evitando qualquer perturbação do mecanismo profundo da mania) em quantos mortos e feridos sua rebelião resultou – 11 mortos e 25 feridos é a resposta, sem nenhuma preocupação sobre esta sombria responsabilidade! Nem a animada população parece se preocupar com o sangue jorrado – eis o sentido tácito da ruminação de Bacamarte e do subtítulo sarcástico de Machado “Dois casos adoráveis”! Para o leitor que desfruta, distraído, das brincadeiras do texto não é óbvio o sarcasmo do título “Dois casos adoráveis”. Somente uma segunda leitura crítica realça o sentido que sugere a total irresponsabilidade, a falta de ética e simpatia humana na loucura do demagogo e da população.

Machado certamente tinha em mente os movimentos pseudo-populares desencadeados pelas pequenas ambições promovidas dentro dos clãs das elites governantes. Porfírio é um exemplo típico do agregado (provavelmente mestiço), cuja contenda plebeia por igualdade com seu antigo senhor realça seu talento de demagogo e auto-proclamado libertador!¹² Seus sentimentos pela comunidade que ele lidera, entretanto, mostram uma solidariedade reativa e alienada¹³, que reproduz os esquemas

maldição do tio Salomão, Machado insinua a terrível herança da escravidão, que incapacita os descendentes dos grandes donos de terra.

¹² Ironia a respeito do que Freyre chama tendências miméticas: cf. Brazil: E embora as qualidades dos estadistas brasileiros durante o período do Império fossem imitativas antes de criativas, alguns deles eram extraordinários por seu talento político bem como por seu tato e habilidade como diplomatas.

¹³ Freyre, Brazil, sobre as ondas de insurreição dos administradores mestiços: A ‘Insurreição Mineira’ foi uma revolução

de dominação. Ele inaugura um movimento de auto-colonização que sujeita novamente sua comunidade, transformando-a em um instrumento das ambições ‘superiores’ – as de Porfírio mimetizando a lógica de dominação e administração do modelo institucional luso-brasileiro: o clã. Em vez de libertar sua cidade, Porfírio repete emblematicamente a apropriação privada do governo da cidade e políticas de aliança das famílias tradicionais, depois de usar seus concidadãos para deflagrações revolucionárias inconsistentes.

O nome da revolução de Porfírio – Canjica – lembra as muitas revoltas que Dom Pedro II enfrentou durante seu reino (Balaiada, Quebra-Quilo, etc.). Os dois casos bonitos aos quais Simão Bacamarte assiste de sua varanda, obviamente sugerem a junção das aspirações miméticas loucas dos líderes populistas com as reações obedientes e históricas das massas, momentaneamente manipuladas por seus líderes inconsistentes e efêmeros. Rapidamente, como nos contos históricos dos caudilhos, Porfírio caíra sob o próximo golpe de outro barbeiro – Pina. Cegado pela a ilusão da bem sucedida aliança com Simão Bacamarte, ele negligencia uma reação contra a captura de 50 de seus seguidores, que são devidamente trancados na Casa Verde; e ele seguir-lhes-á, na companhia de muitos outros, incluindo um deputado e o presidente da Assembléia – todos eles docilmente enviados pelo novo governador obediente.

Machado critica a terrível inconsistência da responsabilidade política em um sistema sem nenhuma liberdade real na tomada de decisões sobre problemas sociais, econômicos, éticos ou políticos. Não há crítica da ciência como tal (qualquer que seja o modelo adotado por Simão Bacamarte) mas sobre a visão curta, os abusos individualistas da ciência, conhecimento e liderança.

III. O triplo revês e o absurdo da representação da política brasileira

Isto nos traz de volta a Simão Bacamarte e ao triplo revês de seu empreendimento ‘científico’.

1. Baseado em uma suposta hipótese científica, ele identifica e segrega as pessoas ‘loucas’ das normais (identificando os bem conhecidos vícios sociais como loucura)

2. Casa Verde sendo superpovoada e a cidade praticamente vazia, ele se defronta com uma evidência estatística: a ‘normalidade’ é o vício, a norma estatística falsificou a hipótese inicial. A segunda hipótese retifica a primeira, estipulando que o virtuoso deve de ser o homem louco: os poucos virtuosos são agora identificados e hospitalizados: ironicamente, seu número

de universitários e padres católicos liberais. Assim também foram as duas revoluções em Pernambuco em 1817 e 1824, e a chamada ‘Revolução dos Alfaiates’, na Bahia. Na maioria destes movimentos liberais, os líderes eram brasileiros que haviam sido educados sob a influência das ideias francesas e inglesas, e alguns dos líderes mais proeminentes eram mestiços.

não passa de 18! A cura desses pacientes consiste na inoculação do comportamento vicioso e corrupto.

3. Realizada essa segunda etapa com sucesso e normalizada a situação da cidade, Simão Bacamarte conclui com rigor lógico que ele mesmo é o derradeiro honesto-‘louco’. Consulta a Assembleia, que confirma sua saúde e integridade, e ele assume, com um gesto tragicômico, o destino que sua ciência lhe impõe: tranca-se e morre na Casa Verde.

A loucura honesta, sincera e bem-intencionada de Simão Bacamarte enfatiza as falhas típicas e estruturais do Segundo Império: a falta de julgamento cívico, a ausência de senso comum e determinação moral. Contrariamente ao que críticos anteriores disseram desse personagem, Simão Bacamarte não deve ser considerado suspeito de ter planejado “a aliança recíproca entre a disciplina [psiquiátrica] emergente e o poder político.” (MURICY, 1988, p. 36). Machado indica várias vezes que a Casa Verde dependia inteiramente da fortuna pessoal de Bacamarte, que o alienista devolve as alocações pagas pela Assembleia da Cidade e pelas famílias quando descobre a falsidade de sua teoria da loucura. Sua honestidade é sublinhada duas vezes (devoluções à Assembleia e às famílias dos pacientes recém-liberados)¹⁴ o que indica que Machado não pensou em mania de controle político, nem em desejo de poder por parte de Bacamarte.

É mais provável que Machado ironize o amadorismo científico e as idiosincrasias literárias e filosóficas dos bacharéis-cientistas. Basta ver como Simão Bacamarte trata a loucura: não a vê como uma ilha, mas como um continente – transformando em metáforas geológicas a velha metáfora da nau dos loucos; coloca Sócrates, Pascal e Maomé na mesma lista de outros loucos como Caracala, Calígula e Dominiciano! Misturando ideais positivistas com especulações filosóficas e humanistas no estilo de E. Renan, Bacamarte exagera na erudição sutil e perde-se nas generalizações. Como Bouvard e Pécuchet, ele toma ao pé da letra suas percepções lúcidas do mundo e confunde a experiência empírica com metáforas do conhecimento livresco (outro erro típico da cultura científica e literária brasileira no século 19).

Terminemos com um comentário final sobre o tratamento satírico da representação política no capítulo VI, que narra a revolta popular contra a suposta tirania de Simão Bacamarte. Significativamente, ninguém na multidão é capaz de distinguir o que o psiquiatra tem em mente de fato. A completa inconsciência dos processos (modernos) da ciência empírica mantém o povo de Itaguaí dentro dos limites da fantasia doméstica: eles suspeitam de motivos como vingança, inveja ou ganância e alguns acreditam

¹⁴ Esta pode ser outra dica para a notória modéstia e cuidado escrupuloso de Dom Pedro II em relação às finanças públicas.

que o psiquiatra é louco. Incapazes de julgar e muito passivos para decidir e agir, eles escorregam para o hábito brasileiro típico de esconder suas opiniões, esperando por uma figura carismática para colocar seus ressentimentos e paixões irracionais em movimento. É claro que este homem de ação sai do círculo íntimo da administração oligárquica. A segunda mão de Simão Bacamarte, o barbeiro Porfírio, incita a raiva de um punhado de cidadãos e agita a Assembleia para destituir Simão Bacamarte e destruir a Casa Verde. Há um toque satírico no protesto do presidente, quando ele proclama que a “Casa Verde é uma instituição pública” e ainda mais, uma instituição pública que não pode ser afetada pelas decisões administrativas ou (ainda menos) pelos movimentos populares¹⁵. O presidente está certo. Como a Assembleia que ele preside, a Casa Verde é uma instituição pública, mas ambas parecem dever sua existência e atividade (muito como as instituições públicas daquele período) ao interesse pessoal e ao dinheiro privado de oligarcas como Bacamarte. As relações confusas e paradoxais das esferas pública e privada espelham a realidade brasileira do século 19. O leitor pode adivinhar a nostalgia escondida de Machado por homens como Bacamarte, cuja integridade contrasta com a manipulação autoritária e intuitiva de Porfírio sobre a população¹⁶.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo “Amáscara e a fenda” In: *Machado de Assis. O Enigma do Olhar*. São Paulo: Ática, 1999..

CARVALHO, José Murilo de *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961, vol. I,
— *Brazil: Youth and Social and Political Reform*

LIMA, Luis Costa, Prefácio para BENZAQUEN, Ricardo. *Guerra e Paz. Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos Anos 30*. São Paulo: Editora 34, 1994.

MURICY, Katia. *A Razão Cética*. Companhia das Letras, 1988, p. 36.

O. VIANNA. *Instituições Políticas Brasileiras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

ROSENFELD, K. H. *Desenveredando Rosa*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1996.

SCHWARCS, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador*, São Paulo,

¹⁵ Cf. capítulo VI, primeira parágrafo. A indignação desta recusa transforma Porfírio: ele agora sente a ambição do governo e seu entusiasmo retórico levanta as mentes dos cidadãos pusilânimes, reunindo 300 – embora a maioria, “porque de ansiedade e hábitos educacionais, não descia às ruas...”

¹⁶ De acordo com O. Vianna, este tipo de líder carismático (que geralmente sem instrução e tem de lidar com uma total falta de instituições preparando e orientando as decisões públicas) tem de ser um Tirésias, guiado por intuições ou superstições. Cf. Vianna I, 393.

Anexo

Algumas datas da cronologia do Império (CARVALHO, 2007, p. 234, sss) e etimologias relativas aos trocadilhos embutidos nos nomes dos personagens esclarecerão os sentidos implícitos e os alvos da ironia de *O Alienista*:

1870 fundação da Sociedade para a Emancipação do Elemento Servil;
1871 o Clube da Lavoura é fundado por agricultores e donos de terra que defendiam o interesse de escravocratas contra o projeto de Lei do Ventre Livre (proclamado em 1871);

1872 o bispo de Olinda expulsa a maçonaria (o Bispo será condenado em 1874)

1873 Congresso dos Republicanos’;

1874 Revolta contra o novo sistema de medidas “O Quebra-Quilo”;

1875 o banco de Mauá fale;

1876 fundação da Sociedade Positivista;

1877 railway entre Rio e São Paulo: telefone liga o Palácio do Imperador com as residências dos ministros;

1878 Governo Liberal;

1879 Ciclo da Borracha; Iluminação pública no Rio;

1880 fundação da Sociedade Brasileira contra a escravidão;

1881 Lei Saraiva proíbe analfabetos de votar;

1883 Confederação Abolicionista;

1885 Governo de Cotegipe (conservador).

As principais tensões implícitas nos eventos nestes 15 anos:

- liberais vs. conservadores (paradoxalmente, significa que os liberais defendem um sistema economicamente retroativo e moralmente ultrajante, enquanto que os conservadores tentam patrocinar o progresso através da abolição do trabalho escravo);

- república vs. Monarquia;

- poder laico vs. poder eclesiástico;

- ciência moderna e tecnologia (introduzida pelos bacharéis) vs. técnicas domésticas e arcaicas na medicina, higiene, produção, transporte, comércio, etc.

Para compreender as brincadeiras machadianas com a imagem bíblica ‘confusão de línguas babélicas’ (Bacamarte explica os princípios da medicina e pesquisa modernas, sua teoria da alienação dos loucos – Padre Lopes não compreende uma palavra, mas explica a sua incompreensão referindo-se a Babel), o leitor deve lembrar os nomes ilusórios dos movimentos políticos no tempo de Machado. Os chamados liberais eram basicamente aristocratas donos de terra que lutavam contra as reformas progressivas defendidas pelos conservadores: abolição da escravatura e novas formas competitivas

de produção e inovações empreendedoras (Barão de Mauá, o primeiro magnata brasileiro, que tentou, entre outras coisas, construir uma ferrovia transcontinental, é uma figura emblemática – um magnata infeliz e malsucedido); José Murilo de Carvalho comenta (em sua biografia *Dom Pedro II*) as reações surpreendentes e confusas contra o comprometimento do Imperador com a abolição da escravatura:

O ataque mais elaborado ao imperador e a mais explícita defesa da escravidão vieram da pena do romancista José de Alencar. Alencar publicou em 1867 uma série de cartas sob o título *Ao Imperador*. Novas cartas políticas de Erasmo. [...] O monarca, Segundo o autor de *Iracema*, queria agradar aos filantropos europeus à custa dos interesses nacionais (CARVALHO, 2007, p. 133-6).

E ele termina seu comentário sobre o labirinto de inversões e contradições das discussões públicas:

A situação era esdrúxula e revelava a ironia da representação política do Império. A se dar crédito às posições dos críticos, inclusive republicanos, o abolicionismo era o despotismo, o escravismo era a democracia. (CARVALHO, 2007, p. 133-6).

Jogo de palavras com nomes (alguns exemplos):

Itaguaí é, simultaneamente, uma cidade histórica da província do Rio de Janeiro e uma alegoria da natureza paradoxal da cultura brasileira: o nome tupi da cidade significa: pico ou elevação no pântano (rocha afiada = ita + gua-í = seio d'água, pântano)

Bacamarte: velha arma de fogo; inútil, indivíduo pesado ou livro velho e peado; último cavalo de uma corrida.

Crispim: forma portuguesa da personagem Crispino na *Comedia del'Arte* – o adulator falso.

Salomão: o emblemático rei bíblico de sabedoria e justiça, tornou-se – no contexto iluminista da reinterpretação de Ernest Renan – o dono de harém despótico e voluptuoso (alusão ambígua ao antepassado patriarcal de Costa, o colérico senhor de escravos)

Fabricante de selas (alabardeiro) significa em português: embusteiro, trabalhador ou empresário desonesto.